

“All poetry is political” –
elementos para pensar o poético e o político na actualidade

Burghard Baltrusch
Universidade de Vigo, CJS

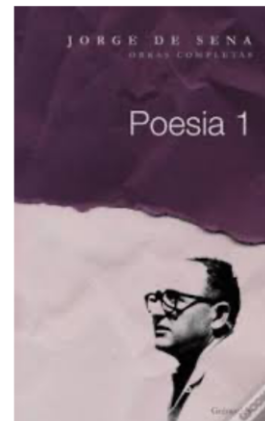
“All poetry is political” – elementos para pensar o poético e o político na actualidade
Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo)



A minha contribuição sobre o poético e o político parte das crises que caracterizam o nosso tempo, e às quais as expressões poéticas actuais dedicam uma atenção crescente. Crise climática, humanitária, sanitária; crises das instituições democráticas, dos sistemas económico e de igualdade.

A co-responsabilidade do tempo e nossa, que é a única garantia de uma autenticidade [...], ultrapassa precisamente o solipsismo inerente mesmo à mais convivente das criações poéticas, e concede à poesia uma paradoxal objectividade [...].

Jorge de Sena (2013: 728)



Também a poesia é chamada a responder, e calha lembrarmos o que escrevia Jorge de Sena há precisamente 60 anos, cito:

A co-responsabilidade do tempo e nossa, que é a única garantia de uma autenticidade [...], ultrapassa precisamente o solipsismo inerente mesmo à mais convivente das criações poéticas, e concede à poesia uma paradoxal objectividade [...]. (Sena 2013: 728)

Para Sena, o poema não só representava um acesso mais nítido à realidade mas, em vários sentidos, uma "actividade revolucionária". Porém, uma responsabilização da poesia requer, também, a de o ser humano "se expor aos efeitos de choque [, que] é a sua adaptação aos perigos que o ameaçam", como já advertiu Walter Benjamin em 1935, no auge de um populismo fascista, cujo regresso mal disfarçado estamos infelizmente a reviver.

Gostava de fazer aqui uma breve aproximação de alguns fundamentos ontológicos do poético e do político. Interessa-me sobretudo aquele poético que reproduz a estratégia do subalterno pós-colonial, que se expõe consciente e criticamente ao Outro.

Poesia actual e política II: conflito social e dialogismos poéticos

(Projecto financiado pelo Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades do Governo de España, PID2019-105709RB-I00)

Hipóteses sobre o poético nos contextos públicos e políticos actuais:

- Tende a excluir o que é uniforme.
- Abre espaços dialógicos.
- Desenvolve imaginários ligados a movimentos sociais e acções poéticas.

Perguntamos:

- Quais são as correlações entre a atenção crescente que a poesia actual presta aos diversos conflitos sociais e as suas expressões e formas dialógicas?
- Como se constrói um discurso poético de oposição ao capitalismo e heteropatriarcado globalizados e às políticas públicas relacionadas?
- Existe uma reactivação poética da sociedade?

POEPOLIT II

O que aqui apresento parte do projeto de investigação **Poesia actual e política II: conflito social e dialogismos poéticos**. A partir dos trabalhos de uma equipa procedente de 16 universidades e 7 países, queremos mostrar como o poético, nos contextos públicos e políticos actuais, tende a excluir o que é uniforme; como abre espaços dialógicos; desenvolve imaginários ligados a movimentos sociais que, em muitos casos, representam acções poéticas. Queremos saber quais são as correlações entre a atenção crescente que a poesia actual presta aos diversos conflitos sociais e as suas expressões dialógicas. Como se constrói um discurso poético de oposição ao capitalismo e ao heteropatriarcado globalizados e às suas políticas. E se podemos falar de uma reactivação poética da sociedade.

Poesia e Política na Actualidade — aproximações teóricas e práticas

Ed. por Burghard Baltrusch, Ana Chouciño, Alethia Alfonso, Antía Monteagudo.
Porto: Afrontamento (Coleção Textos) [2020/21, no prelo]. ISBN 978-972-36-1781-8.

Índice

Os sentidos e o poético em alerta — a poesia vigiante: uma introdução
(B. Baltrusch, A. Alfonso, A. Chouciño e A. Monteagudo)

Aproximações Teóricas

"All poetry is política!" — elementos para pensar o poético e o político na actualidade (B. Baltrusch)
Bakhtin e a sociocrítica da poesia: estimação de métodos e resultados (A. Casas)
Una comunicación outra (A. Méndez Rubio)

Aproximações Práticas

El "veneno" de las referencias bíblicas en la poesía de Astrid Fugellie y Roxana Miranda Rupailaf (G. Fabry)
A *Terceira Mão* ou uma outra hipótese tentada - Manuel Gusmão, poética, ética e política (I. Carvalho)
Acerca de um escândalo para muito parvo: o caso de Concerto e Audição Pictórica (I. Cardoso)
Palpar contra los "letargos": un acercamiento a los desgarros en *Tópo* de David Trashumante (C. Tamames)
Políticas na poesia de cordel: questões de feminismo (G. Fonseca)
Agências, práticas e repertórios poéticos nos movimentos sociais galegos: Entre o Nunca Mais e o 15M (I. Lourido)
Te diría que fuéramos al río Bravo a llorar pero debes saber que ya no hay río ni llanto, de Jorge Humberto
Chávez: poesia no lírica, poesia-testimonio (K. Aubry)
O enunciado performativo e a contraversão da autoridade em Alberto Pimenta (L. Evangelista)
Xenealoxias poético-políticas na poesia de Itxaro Borda (I. Retolaza)
Vidas Singulares. Da escuta em poesia, alguns exemplos contemporâneos (R. Martelo)
Poor lonesome poets – Alberto Pimenta e a utilidade da poesia (J. Meirim)
Intermedialidade e resistencia na obra do poeta galego Antón Reixa (A. Monteagudo)

UMA TERRÍVEL ATROZ IMENSA
DESONESTIDADE
COBRE A CIDADE.

HÁ UM MURMÚRIO DE COMBINAÇÕES
UMA TELEGRAFIA
SEM GESTOS SEM SINAIS SEM FIOS.

O MAL PROCURA O MAL E AMBOS SE ENTENDEM
COMPRAM E VENDEM.

E COM UM SABOR DE COISA MORTA
A CIDADE DOS OUTROS
BATE À NOSSA PORTA

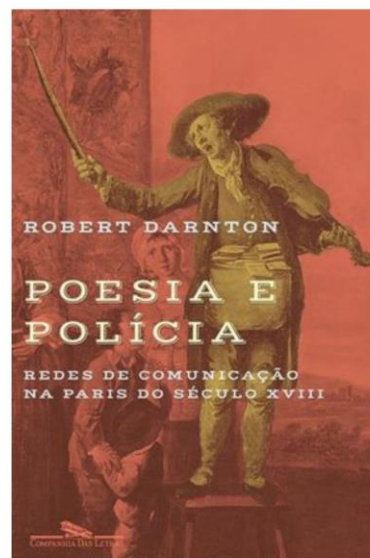
©PALAVRADARUA

As primeiras tentativas de respostas já foram reunidas numa antologia de estudos. O volume contém aproximações teóricas e estudos de caso relativos aos espaços brasileiro, chileno, espanhol, galego, israelita, mexicano, português e basco. O que exporei é uma síntese parcial de um dos capítulos deste livro que se encontra no prelo.

"O caso dos Catorze" (*L'Affaire des Quatorze*)

"[A] poem could therefore function simultaneously as an element in a power play by courtiers and as an expression of another kind of power: the undefined but undeniably influential authority known as the «public voice»"

Robert Darnton (2010: 44)

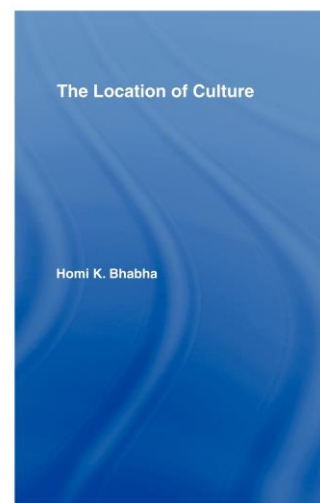


Começo com uma contextualização histórica. Em *Poetry and the Police – Communication Networks in Eighteenth-Century Paris* (2010), Robert Darnton relata como nos tempos prévios à Revolução Francesa, a polícia parisiense prendeu catorze jovens numa acção que ficou conhecida como a *Affaire des Quatorze*. A razão eram poesias satíricas, dirigidas contra a corte e o rei Luís XV. A polícia interessou-se menos pela divulgação dos textos do que pelo suposto ‘chefe da banda’. Mas a procura fracassou perante uma rede impenetrável que reproduziu e divulgou os poemas.

Uma tal rede de comunicação, baseada em textos poéticos, era uma novidade porque se articulava em torno de um público afastado da imprensa ou dos círculos do Século das Luzes. Mas ficou evidente que, cito: “um poema, [...] podia funcionar ao mesmo tempo como elemento num jogo de poder dos cortesãos e como expressão de outro tipo de poder: a indefinida mas inegavelmente influente autoridade conhecida pelo nome de “voz pública””. Ou seja, que era possível fazer política através da poesia.

“It is by placing the violence of the poetic sign within the threat of political violation that we can understand the powers of language”

Homi K. Bhabha (1994: 60)



Mais tarde, veríamos o poético a servir como estratégia pós-colonial, para superar as diversas condições de subalternidade. Homi K. Bhabha ilustrou, retroactivamente, o caso dos *Catorze* em relação a um aspecto constitutivo de todas as expressões poético-políticas, quando disse: “É colocando a violência do signo poético no interior da ameaça de violação política que podemos compreender os

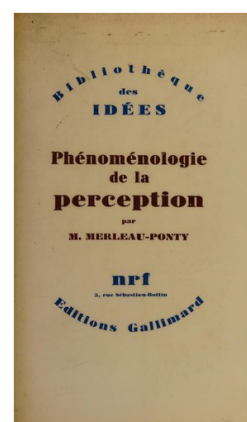
poderes da linguagem”. Mas a sua perspectiva verbivococêntrica precisa ser ampliada, para podermos incluir também as linguagens do performático, do corpo, do afecto, entre outras.

Desta muito abreviada contextualização vou passar agora aos elementos de um possível fundamento onto-sócio-político do poético.

Fundamentos onto-sócio-políticos do poético — a fenomenologia

“Sou uma estrutura psicológica e histórica. Com a existência recebi uma maneira de existir, um estilo. Todos os meus pensamentos e minhas ações estão em relação com esta estrutura [...]. E todavia sou livre, não a despeito ou aquém dessas motivações, mas por seu meio. Pois esta vida significativa, esta certa significação da natureza e da história que sou eu, não limita meu acesso ao mundo, ao contrário ela é meu meio de comunicar-me com ele.”

Maurice Merleau-Ponty (1945)



Em 1945, no final de *A fenomenologia da percepção*, Maurice Merleau-Ponty chega a esta síntese da sua concepção da vida humana, cito:

Sou uma estrutura psicológica e histórica. Com a existência recebi uma maneira de existir, um estilo. Todos os meus pensamentos e minhas ações estão em relação com esta estrutura [...]. E todavia sou livre, não a despeito ou aquém dessas motivações, mas por seu meio. Pois esta vida significativa, esta certa significação da natureza e da história que sou eu, não limita meu acesso ao mundo, ao contrário ela é meu meio de comunicar-me com ele. (1999: 611)

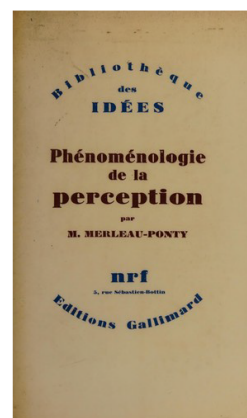
Esta constelação pode ser extrapolada para a expressão poética. O poético realiza-se dentro das limitações da existência, que são as mesmas que o ligam ao mundo e que lhe abrem, precisamente por isso, um novo espaço de percepção e de acção. O poético faz-se do que somos na nossa condição histórico-sócio-afectiva. Torna-nos permeáveis ao que nos circunda e obriga-nos continuamente a fazer

escolhas. E esta circunstância já é em si um ponto de partida para o político. Existimos apenas nas limitações que o mundo nos impõe. Mas não temos de desistir por isso da nossa responsabilidade e capacidade de acção, uma vez que isto não limita a liberdade no sentido existencialista.

Fundamentos onto-sócio-políticos do poético — a fenomenologia

“Somos verdadeiros de um lado a outro, temos connosco, apenas pelo facto de que somos no mundo, e não somente estamos no mundo, como coisas, tudo aquilo que é preciso para nos ultrapassar. Não precisamos temer que nossas escolhas ou nossas ações restrinjam nossa liberdade, já que apenas a escolha e a ação nos liberam de nossas âncoras.”

Maurice Merleau-Ponty (1945)



Diz Merleau-Ponty:

Somos verdadeiros de um lado a outro, temos connosco, apenas pelo facto de que somos no mundo (e não somente estamos no mundo, como coisas) tudo aquilo que é preciso para nos ultrapassar. Não precisamos temer que nossas escolhas ou nossas ações restrinjam nossa liberdade, já que apenas a escolha e a ação nos liberam de nossas âncoras. (1999: 611-612)

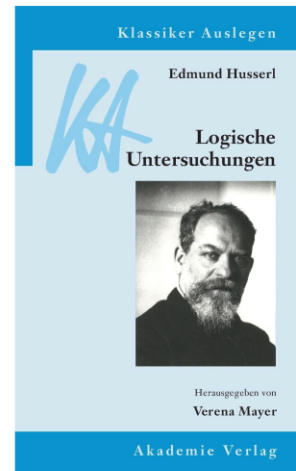
Também no caso do acontecimento poético temos de tentar descrever ou dar forma a algo que resulta quase impossível de verbalizar ou representar completamente. Há um entrecruzamento com afectos e sentimentos, sem equivalência com a realidade. Excedem-na e transformam-na. Aquilo que claramente existe, pode causar, também, uma sensação de assombro, estranhamento, e até um desejo de agir.

Fundamentos onto-sócio-políticos do poético — a fenomenologia

“Wir wollen auf die 'Sachen selbst' zurückgehen“

“Queremos voltar-nos para as 'coisas em si'” (trad. minha)

Edmund Husserl (1900/1901)



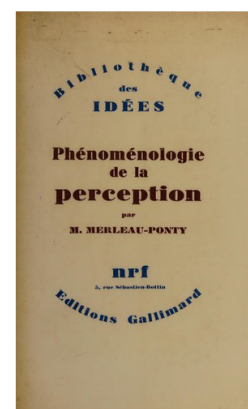
Continua a ser válida a exigência programática de Edmund Husserl de que a filosofia deve partir sempre da nossa própria experiência dos fenômenos: “Queremos voltar-nos para as ‘coisas em si’”. Esta experiência inclui o sentimento poético da vida. Mas como?

Fundamentos onto-sócio-políticos do poético — a fenomenologia

“A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, [...]”

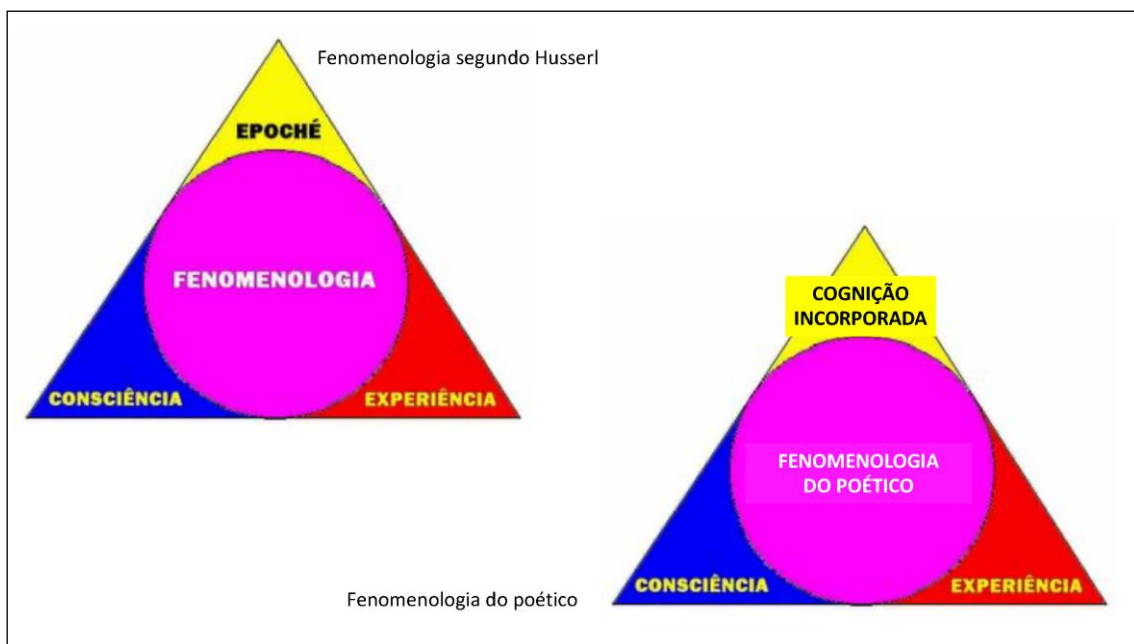
“Quando ouço uma melodia, é preciso que cada momento esteja ligado ao seguinte, sem o que não haveria melodia. [...] A sucessão é essencial à melodia.”

Maurice Merleau-Ponty (1945)



Podíamos circunscrever, em termos fenomenológicos, o poético como um processo de sinestesia de formas de percepção habituais. Ou, para criarmos uma

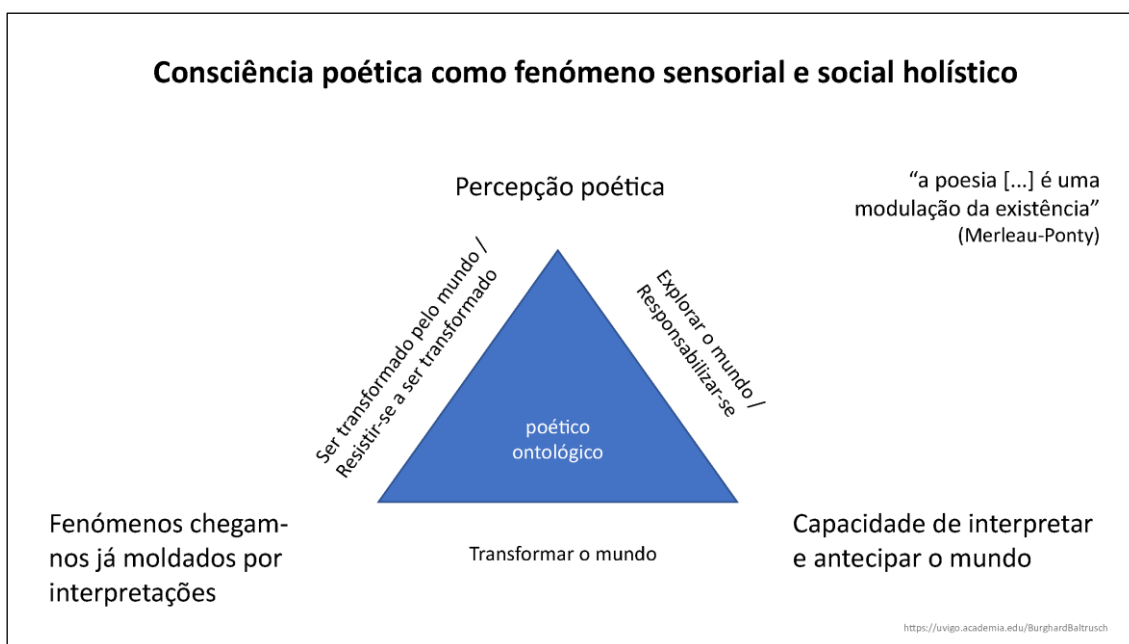
analogia musical, como uma *blue note*, uma forma de percepção que não consta nas escalas regulamentadas, normalizadas, institucionalizadas. Outro aspecto relevante para o pensamento fenomenológico, é a cinestesia ou propriocepção do corpo. O sentimento poético colocar-nos-ia num espaço *intermédio* entre uma suposta realidade, a sua subjectivação e a sua abstracção. O espaço intermédio desta relação triangular é o que chamei de *poético ontológico* — indissociável da intermediação de um corpo sensível.



Assim, a consciência poética não poderia ser estudada senão como um fenómeno sensorial e social holístico. Somos sensoriais mesmo quando filosofamos e somos ainda mais sensoriais quando nos tornamos poéticos.

Segundo Husserl, não é que percebamos primeiro a nós mesmos e depois o mundo, nem primeiro o mundo e depois a nós mesmos. Sempre nos experienciamos a nós e o mundo de forma complementária, porque toda a consciência sempre é intencional, consciência de alguma coisa. Husserl pretendia ver o mundo e as coisas de forma objetiva, distingui-las da nossa consciência. Quis reduzi-las a ideias, através do método da *epoché* ou redução eidética, que pretende excluir tudo o que é subjectivo, teórico ou transmitido pela tradição.

Mas no caso do poético, esta neutralidade científico-fenomenológica precisa ser reorientada através daquilo que hoje é denominado *embodied cognition*. Nesta *cognição incorporada* conflui tudo ao que o nosso corpo, experiência e consciência estão continuamente expostos: o lugar em que estamos; a necessidade de podermos reagir sob pressão; a capacidade de descarregar tarefas cognitivas; o facto de a nossa cognição se estender através de uma vasta situação sociocultural. E, finalmente, que o objectivo imediato da cognição é a acção.



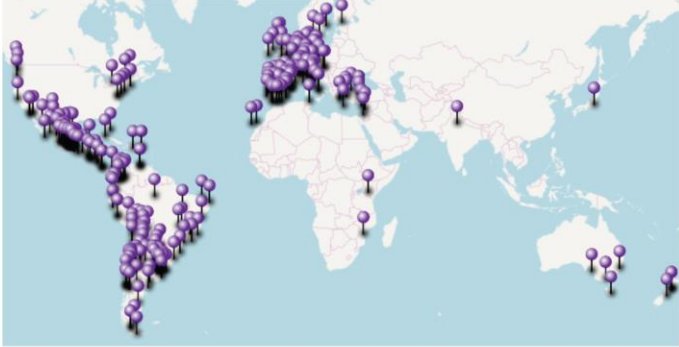
O próprio Merleau-Ponty já tinha caracterizado “a poesia [como] uma modulação da existência”, e convém acrescentar que é nisso que também reside o seu potencial político. O que nos predispõe para uma percepção poética é um duplo vínculo: entre a nossa capacidade de interpretar e antecipar o mundo, e o facto de os fenómenos nos chegarem já moldados por interpretações. Observar o mundo é tentar explorá-lo. Mas também, tentar transformá-lo, ser transformado, deixar-se transformar ou resistir-se a ser transformado por ele. É neste contexto que se situa a base ontológica do poético-político, seja como mera existência fenomenológica ou como interacção, como dialogismo social.

O poético-político não só “[põe] em palavras aquilo que [...] às vezes é considerado inexprimível” (Merleau-Ponty), mas precisamente também aquilo que às



vezes é deturpado ou silenciado. Há um momento de responsabilização, que pode dar início ao político.

"Un violador en tu camino"

Novembro de 2019 – Fevereiro de 2020



<https://geochicas.org/index.php/que-hacemos/proyectos/mapa-un-violador-en-tu-camino>

Sibila Sotomayor, Daffne Valdés,
Paula Cometa Stange, Lea Cáceres

Um dos fenómenos poético-políticos onde melhor podíamos estudar este processo é o chamado artivismo. Sobretudo o artivismo associado aos movimentos feministas constitui um exemplo paradigmático.

A performance "Um violador no teu caminho", criada pelo colectivo feminista chileno LasTesis, foi apresentada pela primeira vez em novembro de 2019. Causou um enorme impacto internacional. A sua difusão no espaço público e nas redes sociais só foi travada, momentaneamente, pela chegada do COVID-19. Texto e coreografia tornaram-se virais entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020, com representações em pelo menos 38 países dos 5 continentes e em 11 línguas.

El patriarcado es un juez / que nos juzga por nacer, / y nuestro castigo / es la violencia que no ves. / El patriarcado es un juez / que nos juzga por nacer, / y nuestro castigo / es la violencia que ya ves. / Es feminicidio. / Impunidad para mi asesino. / Es la desaparición. / Es la violación. / Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía. / Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía. / Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía. / Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía. / El violador eras tú. / El violador eres tú. / Son los pacos, / los jueces, / el Estado, / el presidente. / El Estado opresor es un macho violador. / El Estado opresor es un macho violador. / El violador eras tú. / El violador eres tú. / Duerme tranquila, niña inocente, / sin preocuparte del bandolero, / que por tu sueño dulce y sonriente / vela tu amante carabinero. / El violador eres tú. / El violador eres tú. / El violador eres tú. / El violador eres tú.



A performance surgiu no contexto das manifestações contra a desigualdade social no Chile. Pretendia divulgar as ideias de conceituadas teóricas do feminismo: sobre o desamparo jurídico e social das mulheres; a violência estatal; a suspeita institucionalizada que, em vez de as defender, as reprime; a memória crítica da violência política nas ditaduras, regimes e lógicas autocráticas e patriarcais — assédio, abuso e violação sexual, femicídio, sequestro, inação da justiça, impunidade da violência de género e cumplicidade da sociedade.

“El punto es cómo educamos a la sociedad para entender el problema de la violencia sexual como un problema político y no moral”.

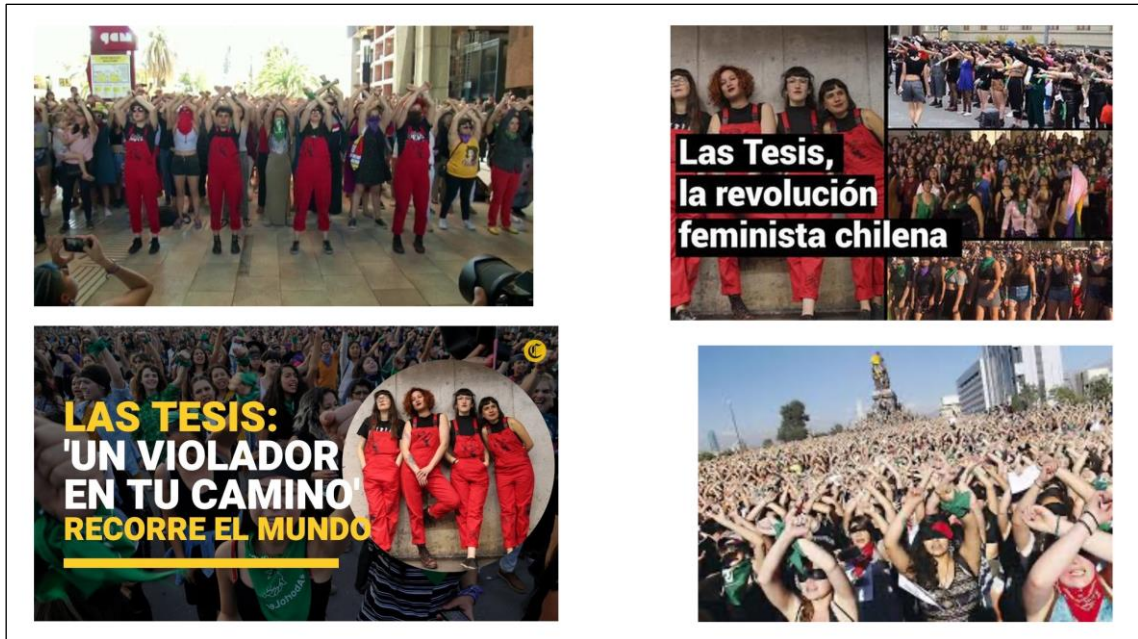
Rita Segato (2018)



A performance poética transporta e divulga uma ideia tão simples como desassossegadora, profusamente argumentada pela conceituada socióloga Rita Segato, cito: “Como educamos a sociedade para que compreenda que o problema da violência sexual é um problema político e não um problema moral?”.



À rápida difusão global desta performance também contribuiu o facto de vivermos um momento, no qual o feminismo e o ecologismo são os principais movimentos sociopolíticos da actualidade. Pensemos, no caso do feminismo, em movimentos e grupos como MeToo, Pussy Riot, Femen, ou My Stealthy Freedom.



O fenómeno ilustra a interdependência do pessoal, do público e do político, âmbitos que hoje resultam fundamentais para a análise da expressão poética. A contínua reedição e transcrição desta performance mostra como prevalece o carácter de acontecimento, de intervenção poética. Como se inscreve nos espaços material e significativo, nas próprias coisas e lugares (praças, edifícios, espaço público em geral) e na sua ordem habitual (heteropatriarcal, neoliberal, desigual e opressiva em geral). Mostra, também, como o poético adquire a sua função política ao fazer aparecer o que antes estava oculto ou silenciado: neste caso, a repressão das e a violência contra as mulheres.

Acontecimento Poético-Político e Poeticidade



Neste caso, o acontecimento poético-político integra-se numa tendência actual: um relacionamento político entre subjectivação, poesia, corpo e lugar. O poético surge da dinâmica fenomenológica de sinestesia e cinestesia, como subjectivação do acontecimento. A sua poeticidade, e também aquilo que se costuma chamar poesia, representam uma ideia, um ideal que visa a transformação do sistema e a subversão do discursivo normatizador. Esta poeticidade forma-se a partir do desejo de transformação do ativismo. A sua intencionalidade é “catalisar um processo de ocupação e de prazer” no espaço público.

Algumas acções artistas não são tanto ‘artísticas’, no sentido de um constructo ‘artificial’ ou ‘abstracto’. São mais poéticas, poiéticas, no sentido de efectivamente ‘fazerem, criarem, intervirem, intermediarem’. A arte propriamente dita, associar-se-ia aqui mais com a poeticidade. Enquanto o que é propriamente poético mantém-se no já mencionado espaço intermédio, dialógico, entre acção e pensamento, entre o sensível e os afectos associados.

Poetactivismo



“[...] without a **space of appearance** and without trusting in **action and speech as a mode of being together**, neither the reality of one's self, of one's own identity, nor the reality of the surrounding world can be established beyond doubt.

Hannah Arendt, *The Human Condition* [1958] 1998: 208

Em vez de ativismo, talvez seja mais preciso falarmos de um *poetactivismo*, no qual a separação do real e do poético resulta artificial. Rejeita-se a histórica separação entre natureza e cultura humanas. Por isso, a ocupação colectiva do espaço público com os corpos; por isso, a criação de um “sujeito plural” e de uma “atmosfera afectiva”. É que o poético ontológico e a sua expressão política precisam, necessariamente, com as palavras de Hannah Arendt, de um “espaço público de aparição”.

As numerosas reencenações e traduções desta performance fazem com que o poético-político nunca perca este carácter ontológico. Tradução e poesia também se reencontram na sua função partilhada de crítica e resistência. Desestabilizam a utopia de uma certa ordem pública institucionalizada. Abrem um espaço no qual o poético, o político, o lugar e o acontecimento convergem. Prova-se que o poético pode intervir politicamente e mobilizar uma parte substancial da sociedade. Tal como já o vimos no *Caso dos Catorze*.

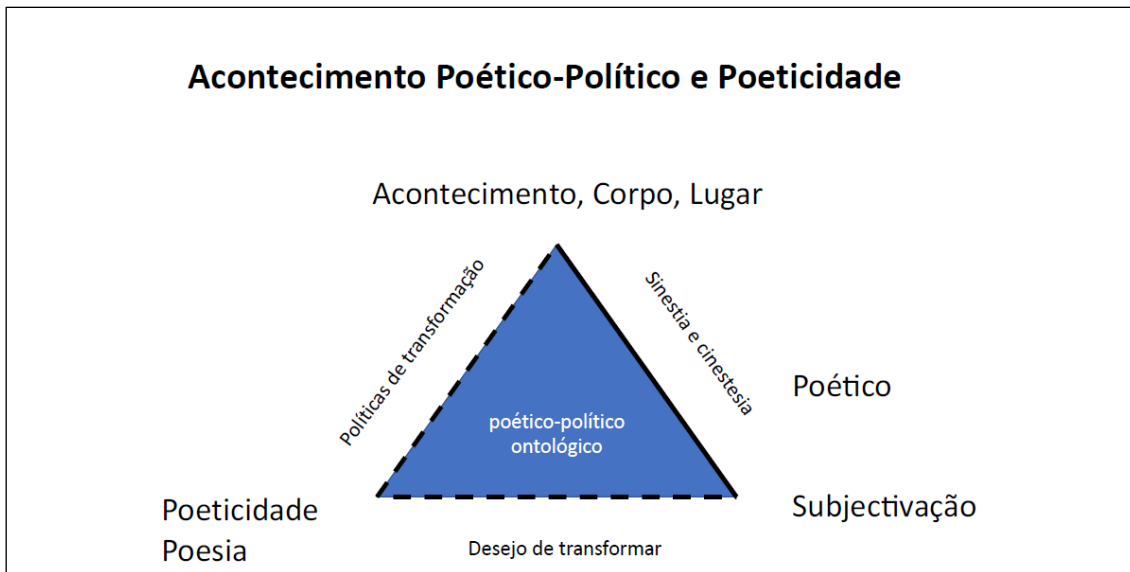
Manifiesto against police violence (LasTesis & Pussy Riot)

“ACAB / All cops are bastards / Todos los pacos son bastards / Pero en nuestro continente de niñas, niños y niños bastards, huachos, siendo / nosotras también bastardas, a veces nos dan ganas de buscar otros adjetivos. / Todos los pacos son inhumanos, / Todos los pacos son violadores, / Todos los pacos son asesinos. // Desde la delgada y larga franja de tierra de este continente es que hablamos. / El territorio que reúne todos los climas, todos los paisajes, absolutamente todas las desigualdades. // [...] // Hoy, / Quiénes somos? / Somos el enemigo implacable y poderoso del presidente. / Quiénes somos? / Las vecinas, vecines y vecinos que peligrosamente se organizan para preparar / comida para quienes lo necesitan. / Quiénes somos? / Las trabajadoras y trabajadores que armadas con fuego y cacerola salen a la calle cuando “no se debe” a gritar hambre. / Quiénes somos? / Las víctimas de violencia doméstica y violencia sexual, cuya única salida es llamar a la policía, violadora, asesina. / Quiénes somos? // Los enfermos sin camillas y todo el personal de la salud sin insumos. / [...] // Y los pacos nos persiguen, bloquean las salidas de nuestras casas, provocan, se infiltran como protestantes y comienzan a quemarlo todo, desfilan armados por nuestras calles, vuelan por nuestras cabezas, lanzan gases, golpean, torturan, violan, destruyen, nos ciegan. / [...] / el covid hizo el tiempo pedazo / [...] / la invisibilización de la real problemática que vive el hacinado / es devastante y humillante / tu inhumanidad ya no tiene cabida / no hay tregua puesta en caja de mercadería que aguante. / Llevamos más de 7 meses en la lucha en nuestro país. / El gobierno no escucha. / Y renueva las armas de la policía. / Esto aún no termina. // No me cuida la policía, me cuidan mis amigas”

<https://www.youtube.com/watch?v=UPfcb9aTcl0>

(1ª parte, autoría de LasTesis).

Em Maio de 2020, LasTesis e Pussy Riot publicaram um “Manifiesto contra a violência policial” que provocou uma denúncia das autoridades chilenas, e à qual já se respondeu com um abaixo-assinado internacional em defesa do grupo. Além de ilustrar o potencial político do poético, esta denúncia de uma denúncia revela uma amarga ironia, como no *Caso dos Catorze*: o sistema teima em culpar sujeitos individuais. Ignora que a disseminação e a rede internacional criadas já articularam uma voz pública internacional. E que esta voz já desestabilizou de facto a sua autoridade e prática repressora. A performance colocou-se desde o primeiro momento num espaço intermédio: o seu lugar de acontecimento poético nunca estava completamente dentro nem totalmente fora do sistema mas num terceiro espaço transfigurador. Ficou evidente que estas formas de poetactivismo e a sua fusão de arte e vida social podem ser uma ameaça para a hegemonia do sistema.



Desde uma perspectiva fenomenológico-existencialista, estas reacções do sistema às escolhas ou ações poético-políticas não têm nem legitimidade moral nem restringem, em termos filosóficos, a nossa liberdade. Como fenómeno sensorial e social holístico, o acontecimento do poético ontológico faz-se sempre do que somos: do nosso corpo e da sua interação física num espaço público-afectivo. E isto é constitutivo para o acto político.

É preciso advertir que nem a fenomenologia, que é mais um método do que uma teoria, nem o existencialismo proporcionam regras claras de acção. Porém, ambas as correntes insistem na necessidade de descrevermos o vivido, e convidam-nos a viver uma vida mais autêntica. São perspectivas complementares e, até, indissociáveis, sobretudo no que diz respeito ao poético-político. Neste sentido, o que mais sobressai no exemplo das LasTesis é que a humanidade e o poetactivismo destas mulheres se constrói a partir do que escolheram fazer de si em cada momento, contra e apesar de todas as (enormes) adversidades. É precisamente esta liberdade inerente à condição humana — ontológica e ôntica, poética e política — que requer sermos responsáveis umas pelas outras, uns pelos outros, de tudo o que fazemos. É uma liberdade que só acontece em situações concretas mas que pode ser extrapolada para outras condições históricas e sociais.

Muito obrigado!

Bibliografía

- Anderson, Ben (2009), "Affective atmospheres", *Emotion, Space and Society* 2, 77-81.
- Bhabha, Homi. K. (1994), *The Location of Culture*, London, Routledge.
- Baltrusch, Burghard (2018a), "Fendas poéticas no espaço público: sobre os ofícios múltiplos da street art em Banksy e MAISMENOS", in Joana Matos Frias, Pedro Eiras e Rosa Martelo (eds.), *Ofício Múltiplo: poetas em outras artes*, Porto, Afrontamento, 369-391.
- ___ (2018b), "Poetics in public space: towards a hermeneutic framing of ephemeral poetic expressions", *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, 14:3, 168-195.
- Benjamin, Walter [1935] (1991), "Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit", in Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser (eds.), *Walter Benjamin - Gesammelte Schriften*, Frankfurt/Main, Suhrkamp, vol. I:2, 471-507.
- Butler, Judith (2015), *Notes toward a performative theory of assembly*, Cambridge, Harvard University Press.
- Casas, Arturo (2012), "Non-Lyric Poetry in the Current System of Genres", in Burghard Baltrusch e Isaac Lourido (eds.), *Non-Lyric Discourses in Contemporary Poetry*, München, Martin Meidenbauer, 27-42.
- ___ (2015), "La poesía no lírica: enunciación y discursividad poéticas en el nuevo espacio público", in Alba Cida e Isaac Lourido (eds.), *La Poesía Actual en el Espacio Público: Intervención, transferencia y performatividad*, Villeurbanne, Editions Orbis Tertius, 83-110.
- Darnton, Robert (2010), *Poetry and the Police - Communication Networks in Eighteenth-Century Paris*, Cambridge, Harvard University Press.
- Gallagher, Shaun (2005), *How the Body Shapes the Mind*, Oxford, Clarendon Press.
- Ganz, Louise e Silva, Breno (2009), *Lotes Vagos: ocupações experimentais*, Belo Horizonte, ICC.
- Husserl, Edmund (1984), *Logische Untersuchungen*, ed. por U. Panzer, Husserliana XIX/1, Den Haag, Nijhoff.
- Guattari, Félix (1992), *Coosmose: um novo paradigma estético*, Rio de Janeiro, Ed. 34.
- Lakoff, George e Johnson, Mark (1999), *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York, Basic Books.
- Lo Pinto, Luca e Müller, Vanessa Joan (2017), "Mehr als nur Worte [Über das Poetische]", [booklet da exposição homónima na Kunsthalle Wien, Viena 8/3/2017-7/5/2017], disponível em <<https://kunsthallewien.at/ausstellung/mehr-als-nur-worte-ueber-das-poetische/>> (último acesso em 22/07/2020).
- Merleau-Ponty, Maurice (1999), *Fenomenologia da Percepção*, trad. de Carlos Alberto Robeiro de Moura, São Paulo, Martins Fontes.
- ___ (2004), *O Olho e o Espírito*, trad. de Paulo Neves e Maria Ermantina Gaivão Gomes Pereira, São Paulo, Cosac & Naify.
- ___ (2010), *Oeuvres*, org. de C. Lefort, Paris, Gallimard.
- Proaño Gómez, Lola (2017), "Artivismo y potencia política. El colectivo Fuerza Artística de Choque Comunicativo: cuerpos, memoria y espacio urbano", *Telón de Fondo* 26, disponível em <<http://www.telondefondo.org/numeros-antiores/numero26/articulo/674/artivismoy-potencia-politica-el-colectivo-fuerza-artistica-de-choque-comunicativo-cuerposmemoria-y-espacio-urbano.html>> (último acesso em 25/07/2002).
- ___ (2020), "Estallido social/estallido feminista: Chile y Argentina 2015-2019", *Revista Artescena* 9, 1-21.
- Segato, Rita (2018), "El problema de la violencia sexual es político, no moral" [entrevista a Mariana Carbajal], *Página 12*, 16/12/2018, disponível em <<https://www.pagina12.com.ar/162518-el-problema-de-la-violencia-sexual-es-politico-no-moral>> (último acesso em 24/07/2020).
- Varela, Nuria (2019), *Feminismo 4.0. La cuarta ola*, Barcelona, Ediciones B.